

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança – ESEFID

Departamento de Educação Física

Trabalho de Conclusão de Curso II

OS ESTÁGIOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A
PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SUPERVISOR

Geremias M. Aires Pereira

Porto Alegre

2019

Geremias Macedonio Aires Pereira

**OS ESTÁGIOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A
PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SUPERVISOR**

Estudo elaborado para conclusão de curso de licenciatura em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS no ano de 2019/1

Orientadora: Profa. Dra. Veruska Pires

Porto Alegre

2019

Geremias Macedonio Aires Pereira

OS ESTÁGIOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A
PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SUPERVISOR

Aprovado em: ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof° Dra. Lisandra Oliveira e Silva - UFRGS

Prof° Dra. Veruska Pires - UFRGS (orientadora)

Dedico este estudo a todos os professores, e demais iniciantes na docência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e demais instituições de ensino.

Agradecimentos

Agradeço às bibliotecárias da ESEFID pela atenção e ajuda na procura de referências.

À minha namorada pela paciência e companheirismo durante a elaboração deste estudo.

À minha orientadora por acreditar na minha capacidade e perseverança nesta pesquisa.

E principalmente à minha família, por terem me ensinado a persistir e a educação que me deram desde criança.

A vida é essencialmente uma série infinita de problemas. A solução para um problema é meramente a criação de outro.

Mark Manson

Resumo

Em todo curso de licenciatura há uma disciplina no currículo acadêmico, voltada para a prática do estágio docente e sua formação, nesse espaço de fruição da docência encontra-se o professor supervisor, definido como tutor das turmas onde ocorrerá o estágio, tendo o papel de mediador e orientador da prática. Sendo assim o presente estudo tem como **objetivo:** Analisar a percepção dos professores supervisores da educação infantil sobre os estágios de docência da educação física. **Métodos:** Estudo com caráter descritivo que teve por instrumento de coleta de dados, uma entrevista semi estruturada, onde foram envolvidos quatro professores supervisores da Escola General Flores da Cunha que já tiveram estagiários de educação física trabalhando com suas turmas. Para análise dos dados foi utilizada a *Análise de Conteúdo* de BARDIN (2011) que objetivou identificar categorias de análise, sobre as percepções dos professores supervisores nos processos de estágio em docência de educação física na educação infantil. O estudo tematizou alguns princípios importantes para os processos de formação de professores, de forma específica no momento e espaço do estágio curricular, buscando analisar os benefícios dos estágios, a relação entre os professores supervisores e os estagiários, algumas percepções necessárias para as mudanças das propostas de estágio docente de educação física na educação infantil. Os resultados presentes, evidenciam uma percepção dos professores supervisores de certa forma, significativa nos benefícios do estágio curricular tal como a comunicação direta envolvida entre o supervisor e o estagiário no processo de estágio.

Palavras chaves: Professor Supervisor, educação infantil, estágio docente, educação física.

Abstract

In every undergraduate course there is a discipline in the academic curriculum, focused on the practice of the teaching internship and its formation, in this space of teaching enjoyment is the supervisor teacher, defined as tutor of the classes where the internship will take place, having the role of mediator and guiding the practice. Thus, the present study aims to: Analyze the perception of the teachers supervising the early childhood education on the stages of physical education teaching. Methods: This was a descriptive study that had as a data collection instrument a semi structured interview, where four supervisors of the General Flores da Cunha School were involved, who already had physical education trainees working with their classes. To analyze the data, the Content Analysis of BARDIN (2011) was used to identify categories of analysis on the perceptions of supervisors in the processes of training in physical education teaching in children's education. The study thematized some important principles for teacher training processes, specifically in the moment and space of the curricular stage, seeking to analyze the benefits of internships, the relationship between supervisors and trainees, some perceptions necessary for the changes of the proposals of physical education teacher training in early childhood education. The present results evidenced a perception of the supervisors to some extent, significant in the benefits of the curricular stage such as the direct communication involved between the supervisor and the trainee in the internship process.

Keywords: Teacher Supervisor, child education, teaching internship, physical education.

Lista de tabelas

Tabela 1: Características da formação, tempo de magistério e tempo na escola caso das professoras supervisoras.

Tabela 2: Descrição das categorias de análise das respostas das professoras supervisoras.

Sumário

1.	Introdução	12
2.	Objetivos	15
2.1.	Objetivo Geral	15
2.2.	Objetivos Específicos	15
3.	Revisão da Literatura	16
3.1.	Educação física na Educação Infantil	16
3.1.1.	Trajetória histórica	16
3.1.2.	Benefício/importância da educação física na educação infantil.....	19
3.1.3.	Exemplos de estudos de Educação Física na Educação Infantil.....	22
3.2.	Estágios da educação física na Educação Infantil	23
3.2.1.	Proposta pedagógica para a Educação Infantil.....	24
3.2.2.	O professor supervisor	25
4.	Procedimentos Metodológicos	27
4.1.	Participantes do estudo	27
4.2.	Coleta de dados	29
4.3.	Análise dos dados	30
5.	Resultados e Discussão	32
5. a	Sobre as propostas pedagógicas e a coesão do estagiário com a professora supervisora	32
5. b	Sobre a integração dos estagiário e a relação com escola e a professora supervisora	35
5. c	Sobre os benefícios de ter estágio em Educação física para a escola na educação infantil	38
5. d	Sobre a organização e dinâmica do estágio: inserção do estagiário e a organização dos horários.....	44
5. e	Melhorar/qualificar na proposta de estágio, segundo as	

	professoras supervisoras	48
6.	Considerações finais	52
	Referências	55
	Anexos	60
	Anexo I: Instrumento de Coleta de Dados	60
	Anexo II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	60

1. INTRODUÇÃO

A educação física é um componente curricular obrigatório da educação básica prevista na Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96, com a tarefa de adequar e colocar o aluno no contexto da cultura corporal de movimento, a fim de formar o cidadão para o meio em que vive, este “que vai produzi-la, reproduzi-la, e transformá-la instrumentalizando-o para usufruir de práticas corporais em benefícios da qualidade de vida” (BETTI E ZULIANI, 2002, p. 75). Nesta condição fica evidente a necessidade de um professor qualificado para ministrar as aulas deste componente curricular nas diferentes instituições de ensino. Sendo assim, é necessário espaços formativos para a docência, que estabeleçam proposta críticas e reflexivas sobre o que é ser professor.

Nestes espaços formativos a prática docente deve ser constante, no sentido de ressignificar as teorias num processo de interlocução com a prática. De certa forma, os estágios de docência assumem esta função de inserir os acadêmicos neste campo de trabalho e buscam organizar as etapas formativas e de identificação da e sobre a docência.

A formação dos futuros professores de educação física, se manifesta nas diferentes organizações dos cursos de ensino superior onde novas concepções da área são debatidas num espaço de construção docente que se adquire conhecimentos indispensáveis para atuação profissional (BARBOSA-RINALDI, 2008). O estudo de Barbosa-Rinaldi, (2008, p. 203), relata a importância de “ensinar estes professores a estudar, a pesquisar e a ensinar, ajudando-os a desenvolver sua capacidade crítica e conduzindo-os a saberem o que fazer com o conhecimento”. Dentro dessa formação, se encontra os estágios docentes, espaço para se refletir sobre a teoria na prática docente.

No contexto escolar, com finalidades de promover e integrar o aluno a cultura corporal de movimento, o professor de educação física estabelece diferentes possibilidades para agregar nas experiências dos alunos novos conhecimentos. Para isso, nos estágios docentes, se configuram em momentos de experimentação destas possibilidades. Sendo assim, a contribuição dos estágios, segundo Bisconsini et al. (2016, p. 8.) surgem com propostas de: Auxiliar nas ações cotidianas dos estágios; Auxiliar na futura prática profissional dos discentes; Utilizar o que foi

aprendido no ensino superior no campo; Tal como usufruir da autonomia docente na prática.

A importância do estágio escolar, para a instituição de ensino (campo de estágio), compete em receber e ressignificar o conhecimento dos estagiários através da mediação e construção de conhecimento envolvendo todos os parceiros desta relação, o estagiário e a escola, representada pelo professor supervisor. Para a Instituição Superior, a relevância se manifesta na retroalimentação de teorias que devem ou deveriam ser fundamentadas na concretude da escola, da sociedade e das diferentes culturas.

Em cada nível de ensino, seja ensino infantil, fundamental e médio, nos cursos de licenciatura ocorre o estágio docente, a fim de experimentar e usufruir da docência nesse espaço de prática. No ensino infantil, principal nível investigado desse estudo, se caracteriza pela presença de estagiários docentes de educação física, contudo, sabe-se que nessa etapa inicial da educação, a professora responsável pelas turmas específicas, não são especializadas na área da educação física, porém mediam o processo de estágio quando recebem os alunos da graduação.

Não são muitas escolas de educação infantil que apresentam em seus quadros docentes o professor de Educação Física de professores de educação física na educação infantil, principalmente na cidade de Porto Alegre, onde se realizou esta pesquisa, se faz necessário perceber a visão dos professores unidocentes da educação infantil sobre a proposta de estágio. “A presença do profissional da área de educação física se faz necessário quando há articulação com os demais profissionais” e se é contemplado pelo projeto da instituição (SAYÃO, 2002 *apud* CAVALARO E MULLER, 2009, P.246).

Os professores responsáveis por mediar o contato dos estagiários com suas turmas de ensino são denominados professores supervisores. Segundo Mazieiro e Cravalho (2012, p. 73) entre as funções dos professores supervisores estão: “inserir o estagiário no contexto escolar de modo a dar segurança na proposta de estágio, orientando-o no trabalho a ser realizado”.

A partir desse contexto, o presente estudo pautou-se no seguinte problema: Como a proposta de estágio em docência de educação física, na educação infantil, é percebida pelos professores supervisores das escolas campos de estágio?

Sendo assim, o objetivo geral do presente estudo buscou analisar a percepção dos professores supervisores da educação infantil sobre os estágios de docência da educação física.

Estudos como esse se faz necessário para refletir sobre as percepções dos professores supervisores com base nas suas experiências e vivências das propostas de estágio docente em educação física. Ainda assim, buscam ampliar o olhar sobre as propostas deste espaço da formação entre, cursos de graduação, professores orientadores, e futuros estagiários. Para, além disto, o estudo resgata nos campos de prática docente a autonomia dos estagiários, tanto quanto, a construção de propostas pedagógicas junto aos professores supervisores evidenciando a troca entre eles.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a percepção dos professores supervisores da educação infantil sobre os estágios de docência da educação física.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os conceitos que norteiam os estágios de docência, as concepções sobre a educação física na infância, a função do professor supervisor na estrutura dos estágios de docência.
- Identificar na perspectiva do professor supervisor os benefícios dos estágios de docência de educação física na educação infantil para a escola (campo de prática) e para as turmas envolvidas.
- Analisar, a partir da percepção do professor supervisor a organização e dinâmica da proposta de estágio de docência na educação física na educação infantil nas escolas envolvidas na pesquisa.
- Sistematizar e contextualizar a partir da organização formal da propostas de estágios de educação física na educação infantil as considerações sobre os estágios apresentadas pelos professores supervisores envolvidos.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Após a implementação da LDB N°9.394/96, fica estabelecido que a educação infantil faz parte da educação básica, sendo também responsabilidade dos municípios. Diversas reformas foram realizadas para a educação infantil, porém a realidade é que quem ministra a disciplina de educação física nos anos iniciais são os(as) professores(as), pedagogas, não tendo o conhecimento específico para aplicar às aulas de educação física.

A educação física auxilia no desenvolvimento da criança no seu aspecto físico, social, intelectual, psico cognitivo e motor, indo conjuntamente com o art.29 da LDB (Brasil, 1996, seção II), que diz: “A educação infantil, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, *nos aspectos acima citados*, complementando a ação da família e da comunidade”.

Os eixos estruturantes **Interações e Brincadeiras**, divulgada na BNCC (Brasil, 2017), que asseguram, às crianças, o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, são trabalhados na educação física o tempo inteiro, e o educador físico deve se guiar nesses eixos e propostas da escola para elaborar aulas correspondentes a cada direito e seguir princípios de uma base comum curricular, seja municipal, estadual e nacional.

Sendo assim, a partir das brincadeiras e interações, as crianças alcançarão o desenvolvimento integral se partir de uma aprendizagem continuada sem seguir todos os princípios da “pedagogia do exame” de Luckesi, 2001 *apud* Stainle, 2007, p. 65, sendo avaliações com notas e sim buscar avaliar os alunos pela exploração e reconhecimento de si e do próximo nas aulas de educação física.

3.1.1 Trajetória histórica

É dito que o processo de aprendizagem e escolarização na infância ocorreu de forma lenta e precária, pois antigamente a criança era tratada como “mini adulto” e não possuía o direito à educação. Somente no final do século XVIII que as crianças começam a ser vista como sujeito de necessidades Santos (2013), surgindo os jardins de infância, sendo as primeiras intenções pedagógicas.

No final da década de 1920 e início dos anos 1930 as mulheres, que trabalhavam fora de casa, lutaram por locais onde “deixar” seus filhos, surgindo no Brasil, no final do século XIX a creche somente com cunho assistencialista, para *cuidar* das crianças sem nada educativo (SANTOS, 2013).

Na década de 1980, houve uma crescente no número de mulheres que trabalhavam fora, aumentando a demanda por creches e pré escolas, o que acarretou na promulgação da Constituição Federal de 1988, que garantiu pela primeira vez na história da educação infantil brasileira o direito das crianças de 0 a 6 anos frequentar creches e pré escolas.

E a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 assegurou-lhes novos direitos na parte da educação infantil não há uma citação única, apenas que no “Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: IV – atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos de idade” (ECA, 1990).

a. Diretrizes

Diversas vezes durante as duas décadas que se passaram após a publicação da lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996, houveram revogações de alguns artigos dessa lei, impondo a educação física deixar de ser obrigatória e até mesmo facultativa para o ensino fundamental e/ou médio, porém no ensino infantil, diz que o acesso é gratuito às crianças além de ser oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade sob responsabilidade do município. Pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.

Na lei de diretrizes e bases nº9394/96, cita apenas três artigos para a educação infantil sendo elas:

“Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)’

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - Creches, ou entidades equivalente, para crianças de até três anos de idade;

II - Pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)”

Art. 31. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

I - avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013);

II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013);

III - atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013);

IV - controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013);

V - expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)”

Outro documento nacional, que obteve alterações foram as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (DCNEI), que surgiu em 1999 e fora, de certa forma, atualizado e fixado para aprovação em 2009 pelo então ministro da educação César Callegari aumentando os artigos de quatro para 13, atribuindo mais direitos às crianças, Brasil (2009), servindo também como base para outros documentos como a BNCC.

Na BNCC (2017), a educação infantil além de se estruturar nos eixos de interação e brincadeiras, o documento também se baseia em cinco campos de experiência que a criança deve realizar ou vivenciar, sendo: “O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.”

No campo “o eu, o outro e o nós” fica claro a interação com os pares e adultos em diversas sociedades, mas importante salientar que na educação infantil é necessário ampliar a percepção de identidades, conceitos e “formas de família com diferentes culturas, para que a criança possa identificar a si e ao próximo

respeitando-o” BNCC (2017). Já no campo “corpo, gestos e movimentos” as crianças devem explorar o espaço ao seu redor, buscando identificar e perceber seu próprio corpo e os espaços que ocupam assim como seus pares e familiares BNCC (BRASIL, 2017).

Partindo para o campo “traços, sons, cores e formas” é notório que na educação infantil a criança vai vivenciar diversas experiências com música, teatro, tanto em casa quanto na escola, o que resultará em novas expressões, novas formas de se comunicar através de desenhos, sons etc. BNCC (2017). No campo “escuta, fala, pensamento e imaginação” é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura da fala, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constrói como um ser social e crítico BNCC (BRASIL, 2017).

No último campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” que a criança já está inserida em determinado espaço físico (casa, escola, rua, cidade, país) e percebe diversas situações de tempo (ontem, hoje, amanhã) tal qual horas, é necessário que na educação infantil seja promovido experiências na qual a criança irá resolver suas curiosidades sobre os temas ditos acima e contribuir no cotidiano do aluno BNCC (BRASIL, 2017).

3.1.2 Benefícios/importância da Educação Física na Educação Infantil

Da importância da educação física na educação infantil, com tantas definições durante a trajetória histórica, ela possui diferentes sentidos de acordo com suas bases de estudos. Quando a criança começou a ter um papel na sociedade, mesmo que sem direitos à educação e saúde, as mesmas já se movimentavam e conviviam com os demais. A partir do momento que a criança se insere em creches com o intuito de “cuidar”, a atenção voltada a elas aumenta, havendo maior interação, mas não havia documento do Estado para lhe assegurar direitos.

Ainda na época do “cuidar” no início do século XX, o objetivo de ensino por parte das instituições era mais higienista (SANTOS, 2013). Seguindo para a promulgação da Constituição de 1988, e com todos os direitos assegurados à

criança, fica evidente o movimentar-se, no estudo de Mello et al. (2016), relatam que nessa época com base nos referenciais curriculares nacionais para a educação infantil, um dos primeiros documentos do Estado, aponta que o corpo e o movimento tinha um caráter instrumental, ou seja, era o meio da criança obter conhecimento.

Segundo Mello et al. (2016), a BNCC usa o corpo e o movimento como construção de sentidos sendo direito de aprendizagem, mais evoluído que o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil de 1998, sem ignorá-la, pois estamos em um novo momento histórico.

Diversos estudiosos da área do desenvolvimento motor, entre eles o Gallahue et al. (2013), apontam que no início da infância, as crianças se encontram em uma fase de desenvolvimento dos movimentos rudimentares e principalmente a partir dos 2, 3 anos que se inicia os estágios dos movimentos fundamentais, e a educação física como componente curricular obrigatório tem o dever não só de oportunizar as práticas corporais, mas também propiciar o máximo de experiências nas aulas.

Porém nessa área mais desenvolvimentista, para buscar resultados é necessário a repetição de certos movimentos e na educação física no ensino infantil, o profissional que estiver inserido nessa área, sabe-se que só é “justificado quando se encontra inserido nos projetos da instituição” seguindo suas normas (Sayão, 2002 *apud* Cavalaro et al. 2009, p. 247), e quem já ministrou aulas para as crianças de 0-6 anos entende a dificuldade da repetição de atividades para os menores acabando por entediar ou dispersar os alunos.

A psicomotricidade surge no final do século XX e início do século XXI, sendo a mais inovadora até então, mesmo obtendo críticas por ser inovadora em relação ao desenvolvimentismo com sua essência mais repetitiva, a psicomotricidade veio para revolucionar as abordagens pedagógicas. No estudo de Rossi (2012, p. 7) ela afirma: “[...] essa técnica não pretende realçar a automação, a eficácia, a destreza motora ou o rendimento motor. Pretende, na verdade, transformar o corpo em um instrumento de ação sobre o mundo, em que permitirá a interação com os outros[...].”

Ainda no estudo de Rossi (2012, p. 7) diz que “[...] a educação psicomotora surge como uma metodologia de ensino que instrumentaliza o movimento humano enquanto meio pedagógico para favorecer o desenvolvimento da criança [...].”, ou

seja, através do corpo a criança se identifica e se relaciona com o outro, buscando aprendizagens do geral para o específico.

Na BNCC (Brasil, 2017), que usa a concepção de criança a partir da visão da sociologia da infância, focaliza o que se passa “entre” elas, direcionando a sua atenção para as produções advindas de suas culturas de pares (MELLO et al. 2016). Sendo assim mais utilizável a criticidade na educação para emancipar as crianças, e obter senso crítico, devido aos movimentos, brincadeiras e interações entre si ou em pares, o que é destacado pela sociologia da infância no contexto das interações.

a. Objetivos da BNCC na Educação Infantil

Na parte dos objetivos da BNCC (Brasil, 2017), fundamentam que as aprendizagens essenciais, compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovam aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre seguindo os eixos estruturantes.

A educação infantil fora organizado em três etapas por faixa etária, seguindo uma ordem crescente, porém não tem como seguir à risca essas faixas devido a individualidade das crianças, que assim como outro qualquer ser humano não possui o mesmo “ritmo de aprendizagem entre elas, cada um de nós possuímos uma forma de compreender algo” (BARROS et al. 2010, p. 136).

Sendo assim os objetivos estão organizados conforme a faixa etária: 0 a 1 ano e 6 meses (bebês), 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses (crianças bem pequenas), estes fazendo parte da CRECHE e 4 anos a 5 anos e 11 meses (crianças pequenas), este sendo parte da PRÉ-ESCOLA.

Segue alguns objetivos, conforme rege a BNCC (Brasil, 2017):

“(EI01EO01) Perceber que suas ações têm efeitos nas outras crianças e nos adultos.” - bebês; “(EI02EO01) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.” - crianças bem pequenas; “(EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.” - crianças pequenas”.

Os objetivos acima citados fazem parte do campo de experiência “o eu, o outro e o nós”, cada campo possui diversos objetivos especificados na Base Nacional Comum Curricular que está disponível para consulta pública.

b. Justificativa da Educação física na Educação Infantil

Sendo assim, fica claro que a educação física tem um papel muito importante para trabalhar e melhorar em todos os sentidos, através das aulas, sempre em articulação com uma base comum curricular e o regimento ou plano escolar da instituição. É nas aulas de educação física, que a criança exerce em diversos sentidos, a fala, o som, o toque, o movimento, a exploração, a agilidade, e toda a forma de manifestação corporal existente, basta ser trabalhado de forma contínua.

3.1.3 Exemplos de Estudos de Educação Física na Educação Infantil

Cavalero et al. (2009) verificaram a inserção do profissional de educação física na educação infantil e a importância do mesmo no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. No estudo, após descrição das diretrizes que abrangem a educação infantil, quando trata sobre a formação do profissional de educação física, o autor fala sobre os objetivos dos cursos de Pedagogia e Educação física na universidade de Maringá, PR, e apresenta dados importantes nessa parte, onde relata: “[...] nota-se que este curso quer ampliar seus conhecimentos e busca integrar-se às demais áreas, articulando, assim, saberes e práticas que não devem ficar reduzidos a uma única disciplina ou a uma única área de conhecimento. [...]” (2009, p. 244). Diz ela sobre o curso de educação física.

Ainda no estudo de Cavalero et al. (2009), quando fala sobre o curso de pedagogia, este não tem disciplinas que contemplem a educação física na sua grade curricular, o que deixa claro a importância do profissional de educação física nas aulas para os menores. As autoras concluem que se faz necessário a presença de profissionais da educação física quando em articulação com os pedagogos (as), pois tratam do “movimento” e os pedagogos trabalham apenas em uma disciplina, psicologia da educação I, o “movimento” seguindo princípios da abordagem psicomotora, e o educador físico, contempla diversas abordagens para a produção de cultura corporal.

Em outro estudo, este de Basei (2008), procurou relatar as contribuições sobre a educação física na educação infantil, através da importância do movimentar-se humano. O autor reforça a idéia do movimentar-se, que a criança se comunica com o corpo por meio de diferentes linguagens expressas de diversas maneiras. Ela defende a visão mais moderna do movimentar-se, ao dizer:

“[...] acreditamos que o corpo adquire um papel fundamental na infância, pois este é um modo de expressão e de vinculação da criança com o mundo. Portanto, o corpo não pode ser pensado como experiência desvinculada da inteligência ou ser considerado apenas como uma forma mecânica de movimento, incapaz de produzir novos saberes [...]” (2008, p. 6).

Sendo assim, com essa visão do corpo conectado com seu meio intelectual e técnico, sem separar um do outro, se alcançam objetivos mais amplos com o desenvolvimento da criança. Na prática da educação física, espaço este que deve estar repleto de oportunidades para a manifestação do movimento da criança para fazer e refazer o conhecimento de si e do próximo.

Ainda no estudo de Basei (2008), ela cita que o papel do professor como mediador, o que escolhe o local, material e auxilia na construção de aprendizagem dos alunos, avaliando o percurso do mesmo. Essa avaliação deve constar o movimento como expressão e não como forma, expressão essa que relata o saber da criança.

3.2 ESTÁGIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Todo curso de licenciatura, seja ele no campo da educação física ou qualquer outra disciplina, é necessário cumprir uma demanda de horas práticas para conclusão do referido curso, para isso se cumpre entre essas horas, o estágio de docência.

Os estágios supervisionados, surgem em “1942 como alternativa para complementar a formação teórica dos alunos, surgindo então de maneira rudimentar com a Lei Orgânica do Ensino Industrial” (BRASIL, 1942 *apud* JOAQUIM *et al.* 2013, p. 353). Desde então o movimento dos estágios se configura em

complementar o ensino dos alunos, com algumas alterações e revogações em leis, mas com base no objetivo principal, que é por em prática os ensinamentos teóricos, ainda segue presente.

No estudo de Silva (2018), ela define o estágio supervisionado como um espaço de aprendizagem, campo de conhecimento e construção de identidade profissional.

No artigo de Cavalheiro (2013, p. 1), relata que após o estágio de educação física e apontar pontos positivos, como vínculo, ganhos motores das crianças, ele aponta as dificuldades encontradas e diz: “[...] nota-se que as mesmas resultam da falta de um professor da área que saiba detectar e solucionar esses problemas motores [...]” identificando a importância do professor de educação física no ambiente escolar.

3.2.1 Propostas pedagógicas para a Educação Infantil

Entende-se que para construir uma boa educação com as crianças é necessária a elaboração de uma proposta pedagógica, essa definida em conjunto com a comunidade, pais, alunos, professores, funcionários, direção todos envolvidos na escola. Está prevista na LDB (1996) que tal proposta tem o intuito de garantir a autonomia da instituição nos meios pedagógicos, administrativos e financeiros.

Partindo de uma “concepção de educação, essa norteará a proposta pedagógica”, que regulamentará as ações dentro da escola, sendo flexível e articulada com documentos referenciais nacionais (KLEIN, 2010, p. 1).

No estudo de Silva et al. (2012) que relataram o trabalho no berçário e suas produções culturais do corpo, foi proposto então os movimentos corporais, a percepção dos bebês e do contato corporal por meio de brincadeiras e outras vivências distintas do seu cotidiano.

Ainda no estudo de Silva et al. (2012) ao relatarem que a nossa área, educação física, estudo o movimento do corpo em distintas produções culturais, identificam o desafio na atuação, por conta da compreensão de que os bebês apenas precisam de cuidados básicos e de descanso, o que dificulta o trabalho e filtra as propostas pedagógicas a serem trabalhadas.

Sendo assim, nota-se a importância de um planejamento pedagógico, este realizado em conjunto como já fora dito, na construção de saberes e desenvolvimento integral dos alunos à partir das vivências em aula.

3.2.2 O professor supervisor

Entendemos que o estágio obrigatório ocorre em todo curso de licenciatura e no curso de educação física da UFRGS, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) diz que:

“Os estudantes realizam práticas docentes de Educação Física nos diversos níveis de ensino (Educação Infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio), *sob orientação* de um docente do curso e *de um professor da escola de realização do estágio.*” - UFRGS, 2012, p. 74.

Este professor da escola de realização de estágio é definido como o professor supervisor, no caso dessa pesquisa são todas professoras. (Carvalho, 1985 *apud* Maziero e Carvalho, 2012, p. 68) citam que o papel do professor supervisor, por parte da escola, é de “[...] propiciar condições para que o estágio se realize de maneira honesta e proveitosa para o estagiário, para os alunos da escola, bem como, para a escola como instituição de ensino e co-responsável pela formação inicial de professores”.

BENITES et al. (2013) definem o professor supervisor como o *professor parceiro* e relatam no estudo que os professores parceiros, deveriam “elaborar um projeto pedagógico com os estagiários e partilhar de seus saberes e criticidade a fim aproximar o professor com a universidade” (p. 124), ou seja, discorrem sobre o saberes dos professores supervisores, transparecendo a importância do mesmo no processo de estágio docente nos currículos da licenciatura.

No estudo de Lopes (2019), buscou apresentar o perfil do professor cooperante (o professor supervisor nessa pesquisa) e ao relatar as competências do professor junto ao estagiário, Lopes (2019) cita Reis (2011) quando informa “as 3 funções do professor supervisor, sendo acompanhar, ajudar e orientar o trabalho dos estagiários” (p. 63).

Ao concluir seu estudo, Lopes (2019, p. 68) diz que: “Os estagiários deverão ser orientados no sentido de realizar as correções que acharem necessárias para

evitar os mesmos erros em situações futuras”, ou seja, as orientações advindas do professor supervisor devem ter essas finalidades, a fim de evitar erros futuros.

Tais ações confirmam a importância do professor supervisor na formação docente, quando se é necessário ampliar a visão dos estagiários dando-os suportes e as ferramentas necessárias para tais eventualidades.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao investigar o espaço dos estágios obrigatórios na formação dos professores de educação física, foi importante entender a visão dos professores supervisores sobre este processo. A investigação que se fundamentou na análise das percepções dos supervisores, envolveu temas relevantes para a inserção e participação dos estagiários no contexto educativo, como por exemplo, a relação entre estágio, e comunidade escolar, os benefícios dos estágios para as práticas pedagógicas dos docentes, e ainda o impacto dos estágios no processo de formação do aluno.

Assim, este estudo se caracterizou como uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa que para Gaya e colaboradores (2016) este método investigativo se caracteriza com a ação do pesquisador anunciadas em seus objetivos e a abordagem pela opção de análise ou interpretação de dados, que nesse caso resultou no modo qualitativo.

Tais interpretações dos relatos, obtidos através do roteiro da entrevista, estimulou as análises de conteúdos, que de certa forma foram contextualizados numa perspectiva mais ampla, isto é, não foi destacada a resposta que se configura em uma única pergunta, mas sim o contexto geral de todas as informações estimuladas nas diferentes questões apresentadas aos supervisores. “Tal instrumento - a entrevista - possibilita ao pesquisador desenhar suas conclusões” Gaya e colaboradores (2016, p. 162).

4.1 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi desenvolvido junto a uma escola de educação infantil que recebe estagiários do curso de educação física da UFRGS. Este campo de estágio é um espaço que estabelece uma parceria interessante, pois há oferta de estágio para turnos específicos, sendo matutino e vespertino, com uma rotina diferenciada a cada turno. Então, as professoras entrevistadas já tiveram experiências diferenciadas com estagiários em turnos diferentes com turmas específicas.

Assim, a escola definida para ser campo investigativo foi a Creche do Instituto de Educação Infantil General Flores da Cunha, Porto Alegre, Rio grande do Sul, onde entre as professoras que atuam na escola foi estabelecido como critério de inclusão: Ter formação para atuar na educação infantil; Trabalhar na escola com

uma turma específica e regular, e já ter vivido a experiência de ser professora supervisora de estagiários de educação física da disciplina de Estágio de educação física na educação infantil, disciplina obrigatória para os graduandos na licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Após conversar com cinco professoras do ensino infantil, quatro se enquadraram nos critérios para participar do estudo. As professoras supervisoras desempenham um papel que orienta e flui no contexto escolar para a cidadania dos discentes (SAHEB e ROHDEN, 2011). O que mostra a importância destas ações no cotidiano escolar.

As quatro professoras supervisoras que participaram da pesquisa foram denominadas como: (Prof. A, Prof. B, Prof. C e Prof. D). Entre as quatro supervisoras todas possuem curso de pedagogia, sendo que duas delas têm formação em direito e letras, nenhuma das envolvidas é professora de educação física, contudo alguns cursos de pedagogia habilitam para práticas corporais mais voltadas à recreação com abordagens psicomotoras citado anteriormente por Cavalaro et al. (2009, p. 245).

Sobre o tempo de trabalho no magistério 2 professoras já atuam a mais de 30 anos no magistério. Entre este tempo destaca-se às professoras D e C que atuam a mais tempo na escola de educação infantil, e a professora com menos tempo é a B, talvez devido à suas outras formações, como mostra a tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Características da formação, tempo de magistério e tempo na escola caso das professoras supervisoras.

Prof. Supervisora	Formação	Tempo de Magistério	Tempo na Escola caso
Prof. A	Curso de magistério, Pedagogia e Orientação educacional na PUCRS.	30 anos	10 anos
Prof. B	Formação acadêmica: advogada, com pós em Direito do Trabalho; Pós em psicopedagogia; Pós em alfabetização e letramento; Pós em séries iniciais.	16 anos	6 anos
Prof. C	1982 magistério normal na época; Letras português francês; Curso de educação infantil (omep).	34 anos	21 anos

Prof. D	Pedagogia e pós graduação em supervisão e orientação escolar.	27 anos	16 anos
---------	---	---------	---------

Fonte: autor.

Assim descrita a formação e o tempo de atuação das professoras supervisoras, todas adeptas a participar do estudo, partimos para a coleta de dados para enfim analisar suas percepções quanto aos estágios docentes de educação física na educação infantil.

4.2 COLETA DE DADOS

Essas quatro professoras participaram da entrevista guiada pelo roteiro pré estruturado, este composto por seis questões norteadoras. Duarte (2004. p. 215) diz que: “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos [...]” mostrando a necessidade da aplicação nesta pesquisa, pois precisamos “mapear” a percepção das professoras supervisoras.

Entre as questões foco das entrevistas estavam, a coesão das propostas pedagógicas dos estagiários e os professores supervisores, os benefícios, a organização e a dinâmica, a integração dos estagiários com a escola, a sugestão na proposta de estágio, como mostra as perguntas a seguir: 1. Sobre as propostas pedagógicas. O estagiário está em coesão à proposta da sua turma?; 2. Sobre a integração dos estagiários, como se dá a relação com a escola (Coordenação, direção, secretaria e demais funcionários)? Em relação a você, Professora/supervisora da turma? Em relação aos demais professores da escola?; 3. O que você tem a dizer sobre os benefícios de ter estágio em Educação física para a escola na educação infantil? E para sua turma?; 4. Sobre a organização e dinâmica do estágio: Como se dá a Inserção dos estagiários? E os horários? E a dinâmica da transição/orientação entre o estagiário e o professor?; 5. O que você entende que possa melhorar/qualificar na proposta de estágio?; 6. Se tiver e quiser relatar outros assuntos.

Tais questões foram importantes para que as interpretações fossem realizadas de forma articulada com as vivências estabelecidas pela proposta dos estágios, bem como pela cultura já estabelecida naquela instituição de ensino.

Para a realização das entrevistas foi feito um contato prévio com cada envolvida, após apresentação na direção escolar e autorizado a fazer a pesquisa, foi agendado data e horário para a realização da coleta dos dados com as professoras supervisoras.

Antes de cada entrevista foi entregue as supervisoras junto, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo os objetivos da pesquisa, assim como, o compromisso por parte dos pesquisadores em manter a identidade dos participantes da pesquisa no mais absoluto sigilo e mesmo a opção do sujeito em não participar do estudo.

Todas as entrevistas foram transcritas, na íntegra para que os relatos pudessem ser analisados numa perspectiva mais complexa e ampla, isto é o olhar para o conteúdo das respostas e não para as especificidades de cada pergunta.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Para investigação dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), que busca criar categorias por informações que sejam importantes e/ou se destacam. A análise de conteúdos tem basicamente duas fases, explorar e descobrir elementos para se criar hipóteses (Benites et. al. 2016), basicamente se assemelha às definições de Bardin (2011) e utilizações de Júnior et. al. (2010, p. 34), onde afirma “A análise categorial temática funciona em etapas, por operações de desmembramento do texto em unidades e em categorias para reagrupamento analítico posterior” -, ou seja, o que foi evidenciado nesta pesquisa.

Após a análise das respostas de cada questão do roteiro, os pontos mais destacados resultaram em categorias de análise. Em todas as respostas das seis questões houve em média três categorias, com exceção da questão três que tratava sobre os benefícios da proposta de estágio, com quatro categorias (Conteúdos; Forma da prática pedagógica; Complementação da formação do pedagogo para o aluno e Relação Universidade-Escola. A 6ª questão também foi exceção, pois obteve apenas uma resposta por se tratar de “outros assuntos” não se mostrou relevante, conforme mostra na tabela dois a seguir:

Tabela 2: Descrição das categorias de análise das respostas das professoras supervisoras.

Questões	CATEGORIAS →			
Ques.1	Comunicação entre as partes;	Período de observação;	Coesão a partir das experiências para o aluno.	
Ques.2	Bem vindos;	Vivências anteriores;	Atividades extraclases	
Ques.3	Conteúdos;	Forma da prática pedagógica;	Complementação da formação para o aluno;	Relação Universidade-Escola.
Ques.4	Organização dos horários e da prática do estágio;	Transição /orientação para o estagiário;	Inserção dos estagiários.	
Ques.5	Organização na escola;	Solicitação de materiais para a prática;	Lidar com a criança.	
Ques.6	N/A	N/A	N/A	N/A

Fonte: autor.

Após a separação dos destaques nas respostas das professoras supervisoras e obtidas as categorias, partimos para a análise dos dados e discussão com a literatura sobre as informações evidenciadas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com os relatos obtidos, foi realizada a categorização das informações extraídas das respostas das questões, ou seja, foi possível identificar categorias e/ou subcategorias entre as evidências de cada temática explorada, que por hora passam a ser apresentadas de forma separada para um melhor entendimento de todo o processo investigativo.

Sobre a questão um, que tratava sobre a coesão da proposta pedagógica do estagiário e o professor supervisor, foi possível identificar três categorias de análise, sendo elas: Comunicação entre as partes; Período de observação; Coesão a partir das experiências para o aluno.

A primeira categoria que passa a ser analisada faz reflexão sobre a **comunicação entre as partes**, isto é, a comunicação entre os diferentes envolvidos no processo do estágio, professores supervisores, estagiários, coordenação da escola, professor orientador, entre outros. No relato de três professoras, A, B e C foi possível evidenciar que para esta a comunicação se dava através de encontros pré aulas para troca de informações sobre a turma específica. Para esta realidade, resgatamos a citação de Buriolla (1996) *apud* Maziero e Carvalho (2012. p. 68) que diz: “[...] através do processo de reflexão e ação, do diálogo e da crítica, trabalhar junto ao estagiário suas inseguranças e suas concepções, para que este encontre sua própria identidade profissional [...]” demonstrando o espaço de diálogo entre as partes e sua importância.

Esta lógica de comunicação no processo do estágio faz reflexão sobre a necessidade de se pautar num reconhecimento prévio sobre a turma e o planejamento da professora para que o estágio possa contribuir com as aprendizagens pode ser exemplificada na resposta da professora A como por exemplo:

“[...] antes do início do estágio, os estagiários procuram conversar com a gente né, com os professores titulares para saber o que a gente tá trabalhando, qual o projeto, qual o tema e sempre procuram fazer as aulas com que a gente tá desenvolvendo ou inserir alguma coisa dentro desse contexto nas aulas deles.” - (Prof. A)

Tal relato (Prof° A) mostra que existe uma comunicação e coerência das propostas pedagógicas no processo de estágio. As professoras B e C possuem relatos semelhantes, ao analisar suas falas, verificou-se uma finalidade de “adequação” para algo, ou seja, existe a comunicação prévia como pode ser exemplificado em seus relatos:

“[...] a gente sempre senta com os estagiários ... E assim a gente monta com os estagiários uma coisa que seja adequada a turma [...]” - Prof° B.

“[...] quando eles já chegam, já perguntam se a gente têm um planejamento e a gente têm e passa para eles, então eles procuram fazer dentro daquilo que se adequa a proposta da escola, da professora e de acordo com a turma em questão” - Prof° C

Esta comunicação entre o estagiário e a professora supervisora se configura num momento relevante para o estágio, pois ela tem por meta adequar o planejamento pedagógico para os alunos no processo do estágio de educação física.

Ainda sobre a questão um, outra categoria de análise apontada nas respostas se revela no **período de observação**, isto é, o período prévio onde os estagiários docentes fazem um diagnóstico e algumas aulas experimentais antes de assumir a turma específica, isso se mostra presente nas respostas semelhantes das professoras e A e B. Esse período de observação para Benites et al. (2013, p. 121) ao citar Vianna (2007) definem a observação como técnica metodológica, e com intuito de “identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos”, sendo utilizado comumente nas práticas de estágio justamente para identificar a turma e traçar perfis e propostas pedagógicas. “É o momento onde é passado gradualmente a autonomia aos estagiários, para que assumam as turmas e estabeleçam um bom diálogo/relacionamento com os alunos” BENITES et al. (2012. p. 20). Tais reflexões são evidenciadas nas respostas das professoras supervisoras sobre o processo de estágio como, por exemplo, o relato da professora A:

“[...] é feito sempre uma observação antes das práticas dos estágios esse tempo é bem importante para eles conhecerem as turmas, participar da rotina, desse

momento de participar na hora do brinquedo do pátio, interagir com o grupo então isso deixa eles mais a vontade também, mais familiarizados com os estagiários [...] - A

O que coloca a observação presente no contexto do estágio, as professoras relatam o uso da mesma para traçar o perfil da turma tendo coerência nos relatos da Prof^o A e B quando a segunda diz: “[...] *primeiro eles observam, vêem o perfil da turma [...]*” - B

Em outras respostas da questão um, foi verificada a categoria **coesão a partir das experiências para o aluno**, que ainda dá informações importantes sobre a relação das propostas pedagógicas evidenciadas pelos estagiários. Nesta categoria foi possível identificar que as supervisoras B e D entendem este processo como a importância da “bagagem” do estagiário para auxiliá-las em suas aulas, contudo para as supervisoras a coesão se faz não só na inserção, mas nos planejamentos diários.

Somente as professoras B e D expuseram em suas respostas informações que se aproximasse dessa categoria. Sendo assim, o estagiário traz sugestões para o planejamento diário das professoras a fim de auxiliá-las, mesmo que suas vivências sejam poucas, pois de acordo com Valsechi e Kleiman (2014. p. 28) “[...] a identidade, nessa fase (*estagiário*), continua a de um aluno iniciante, com pouca maturidade, com limitadas possibilidades de assumir-se agente de sua própria formação [...]” possam limitar as sugestões dos estagiários, tal categoria de análise pode ser exemplificada no relato a seguir:

“[...] eles (estagiários) trazem sugestões para que a gente possa trabalhar para as crianças [...]” – Prof. B.

“[...] em coesão com a proposta da turma, faixa etária, e eles (estagiários) trouxeram vivências significativas para as crianças foi muito legal as crianças gostaram participavam sempre com interesse [...]” – Prof. D.

É nítido que as professoras supervisoras perceberam, no processo de estágio docente de educação física, a experiência dos estagiários para usarem com os

alunos do instituto de educação, encerrando a questão um sobre as propostas pedagógicas, coesão entre o estagiário e o PS.

Sobre a questão dois, que tratava sobre a integração dos estagiários com a escola e a professora supervisora, a análise resultou em três categorias sendo elas: Bem vindos; Vivências anteriores; Atividades extraclases.

A primeira categoria a ser analisada faz reflexão sobre o tema **bem vindos**, que é caracterizado pelo acolhimento e possui duas subcategorias, que por hora também serão separadas para melhor entendimento da investigação, sendo Olhar com o aluno e estagiários acolhidos. O acolhimento no dicionário de Michaelis (2019) é definido como “1. Ato de acolher; 2. Abrigo pelo qual não se pede pagamento; 3. lugar onde se encontra amparo, proteção”. Nas respostas de três professoras, A, B e C, são evidenciados tal semelhança e destaque na análise em *prol* das crianças/alunos como pode ser destacado no relato da professora A, por exemplo:

“[...] eles são sempre bem vindos, a gente gosta muito quando a gente recebe os estagiários, por que são aulas muito gostosas, as crianças se distrai eles desenvolvem toda parte motora, regras, disciplina, conduta [...]” - Profº A

Outra resposta faz reflexão sobre o cuidado da coordenação para melhor atender os alunos onde pode ser exemplificado com a resposta da professora C:

“[...] A escola está um pouco reduzido... dentro do quadro que nós temos sempre todos eles se encaixam e a gente consegue fazer todo um entrosamento para que a coisa flua para que os alunos né, que é o final maior da situação, sejam bem atendidos. [...]” - Profº C.

Ainda na primeira categoria de análise da segunda questão, mais precisamente, na segunda subcategoria de análise, onde fica evidenciado nos relatos das professoras supervisoras que os estagiários são acolhidos, e que tal acolhimento, obtêm-se nos alunos estagiários, algo semelhante à que Durão (2010, p. 5) relata: “um sentimento de envolvimento, de partilha, de espírito de equipe, de satisfação e de participação na dinâmica dessas instituições”. O que acarreta na contribuição de um bom ambiente de trabalho e para um melhor desempenho e

consequentemente o desenvolvimento da sua formação no processo de estágio. Tal reflexão da categoria de análise é vista nas respostas das professoras B e A, a seguir:

“[...] em relação a todos os professores, pelo menos na nossa unidade de educação infantil eles são muito bem vindos, assim são muito bem acolhidos, eu não acredito que tenha acontecido alguma coisa nesse sentido, do professor não gostar de estagiário ou não facilitar o trabalho para o estagiário e vice versa [...]” - Profº B.

“[...] há um envolvimento muito grande da escola, das crianças com todo o trabalho desenvolvido pelos estagiários é sempre muito bom e são sempre bem acolhidos e é muito bacana receber os estagiários [...]” - Profº A.

De fato, se destaca a importância do acolhimento no processo de estágio, através dos relatos das professoras supervisoras ao informarem sobre a movimentação escolar para receber os estagiários de forma confortável para realizarem um bom trabalho.

Ainda na questão dois, que trava sobre a integração dos estagiários com a escola e as professoras supervisoras, outra categoria de análise foi evidenciada na reflexão sobre as **vivências anteriores**, desta vez relacionado com as experiências das professoras supervisoras com outras instituições de ensino, no estudo de Benites et al. (2013. p. 135), trazem um parecer que se enquadra nessa categoria de análise ao informarem que “os professores-colaboradores agregam a noção de auxiliar no momento do estágio. Muitos se embasam nas suas experiências anteriores e acabam tendo como premissa transmitir elementos práticos para os estagiários”, evidenciando a transmissão de práticas anteriores para ajudar o estagiário na sua formação, no relato da professora B podemos destacar tal análise, por exemplo:

“Eu já passei por várias direções e já passei por vários estagiários então assim ‘ó’, houveram algumas dificuldades impostas aos estagiários, por exemplo, de precisar uma cópia com urgência para assinar documento ou algo assim dentro do planejamento que os estagiários necessitavam na hora e a direção trancou, fez sair bater cópia em outro lugar, voltar”

entregar pra ser assinado e bem como deles precisarem de uma assinatura e demorar muito tempo para a direção estar presente e assinar [...]” - Prof° B

Tal relato acaba por resgatar a importância das vivências anteriores dos professores supervisores a fim de ajudar os estagiários na prática do estágio em situações semelhantes.

Ainda na questão dois, a terceira categoria de análise faz referência à **atividades extraclases**, que para as professoras supervisoras é percebida quando o estagiário de educação física participa de atividades extras, fora do seu horário aula. Para Silva e Teixeira (2013. p. 104) relatam que as “atividades extraclases relacionadas ao ensino superior cumprem um papel importante nessa passagem de estudante a profissional”, porém nesse estudo, está mais relacionado a outras atividades, pois dentro do estágio de docência esse tempo extra com os alunos da educação infantil tem mais relações com os achados de Matias (2009. p. 125) que ao citar outros autores (Mahoney, 2000; Mahoney, Harris & Eccles, 2006) informa que as “atividades extracurriculares são ações desenvolvidas em ambientes como quadras, salas de jogos, teatros, bibliotecas, praças e outros, antes ou após o período de aula na escola, cujos objetivos não necessariamente estejam ligados à educação formal”. No relato da professora D é possível identificar tal categoria de análise, por exemplo:

“[...] também é importante ressaltar que os estagiários, eles ainda se propuseram a participar de atividades extraclasse, como acompanhar as turmas em passeios em visitas ou em festas, fora do horário das práticas né como as festas juninas, exposição de trabalhos tudo [...]” - D

Ainda dentro da terceira categoria de análise, uma subcategoria foi identificada na resposta da professora D, que acaba por justificar o relato anterior, que faz reflexão com o estagiário receptivo, que é possível evidenciar, a seguir no acréscimo: *“[...] então sempre foram muito receptivos e muito participativos em relação às nossas atividades escolares [...]” - Prof° D*. O que traz a identificação da análise categorial de atividades extraclasse, mais precisamente com essas atividades os estagiários se mostram mais adeptos a participar de tal ação.

Sobre a questão três que tratava sobre os benefícios de ter estágio de educação física na escola e na turma das professoras supervisoras, foi possível identificar quatro categorias de análise, sendo elas: Conteúdos; Forma da prática pedagógica; Complementação da formação do professor supervisor para o aluno; Relação Universidade-Escola.

A primeira categoria que passa a ser analisada faz reflexão a **conteúdos**, isto é, o que a educação física trabalha/estuda/orienta no processo de estágio docente na instituição de educação Infantil General Flores da Cunha. No relato das professoras A e C, foi possível evidenciar que para estas, o conteúdo é trabalhado na parte motora, afetividade e do toque. Quando se trata de parte motora, Gallahue et al. (2013), apontam que no início da infância, as crianças se encontram em uma fase de desenvolvimento dos movimentos rudimentares e principalmente a partir dos 2, 3 anos que se inicia os estágios dos movimentos fundamentais, encadeando as habilidades motoras (correr, saltar, chutar...) e na resposta da professora A é possível evidenciar tal subcategoria, por exemplo:

“[...] eles desenvolvem toda parte motora, regras, disciplina, conduta e é muito importante todo esse desenvolvimento que a gente, professora, no dia a dia muitas vezes essa parte motora deixa a desejar a gente realmente o pouco são atividades que a gente faz dessa área a gente se preocupa mais com a parte cognitiva com o projeto em si e os professores de educação física vem a complementar essas atividades [...]” - Prof^o A.

O que acaba por resgatar a importância do conteúdo um tanto comum, parte motora nas práticas do estágio de educação física na educação infantil. Ainda dentro da questão três, sobre benefícios, na primeira categoria de conteúdos, nas respostas analisadas foi possível identificar outra subcategoria de análise, sendo os vínculos afetivos, que no dicionário, Michaelis (2019), define afetividade como:

“1: Sentimento de afeição ou inclinação por alguém; amizade, paixão, simpatia. 2: Ligação carinhosa em relação a alguém ou a algo; querença. 3: Psicol. Expressão de sentimento ou emoção como, por exemplo, amizade, amor, ódio, paixão etc.”

Tomamos partido de expressão de sentimento ou emoção, no ambiente escolar, com a educação infantil, os pequenos necessitam de uma atenção maior, devido aos momentos de interações que desenvolvem com colegas e os demais

adultos, tais momentos devem ser recheados de afeto, carinho de ambas as partes para absorção do intelecto das crianças. Mello e Rubio (2013. p. 6) relata que “a afetividade não se limita a carinho físico, muitas vezes se dá em forma de elogios superficiais, ouvir o aluno, dar importância às suas ideias”, pois essas ações são caracterizadas como outras maneiras de comunicação afetiva. No Relato da professora A é possível identificar tal subcategoria de análise, por exemplo:

“[...] sempre tive sorte de ter estagiários muito queridos muito atenciosos muito afetivos né que afetividade é algo muito importante principalmente no trato com a educação infantil que são pequeno eles precisam de mais atenção é mais abraço é mais carinho mais afeto aconchego então essa proximidade com as crianças é muito importante falar na altura, se abaixa ta pertinho entender que para eles aquilo naquele momento é algo muito sério que eles tão te passando né então eu percebo esse envolvimento do grupo com as crianças, eu tive sorte porque até hoje não tive estagiário assim que não fosse afetivo, que não correspondesse essa afetividade com a turma [...]” - Prof^o A.

Tal relato identifica a evidência da afetividade como conteúdo, deixando nítido que os estagiários trabalham efetivamente em suas práticas pedagógicas - principalmente a afetividade - e acima de tudo são humanos também, possuem sentimentos e é gratificante a troca com as crianças.

Ainda na questão três, outra subcategoria de análise se mostrou relevante, sendo a relação do toque, corpo, que é evidenciado no relato da professora C quando responde sobre os toques e suas relações no processo do estágio com as crianças. No campo “o eu, o outro e o nós” da BNCC (Brasil, 2017) comenta sobre essas relações e a importância para o desenvolvimento integral da criança. É possível exemplificar essa subcategoria de análise na resposta a seguir:

“Eu tenho tudo a dizer sobre os benefícios, porque não poderia ser melhor para gente... jardim de infância que são crianças que necessitam muito... dessa parte de relações de si, do corpo, do toque, a educação física é tudo![...]” - Prof^o C

O que traz destaque a importância da relação do toque, corpo da educação infantil no processo de estágio. Ainda na questão três foi possível identificar, a partir das análises das respostas, uma segunda categoria de análise que se faz refletir na **forma da prática pedagógica**, isto é, a forma que o estagiário ou a professora

supervisora, se orienta, se movimenta para o ensino ou relação com as crianças e a entidade presente. A prática pedagógica, enquanto formação inicial, “funciona como uma iniciação ‘nas tradições de uma comunidade de professores’ e no ‘mundo prático que eles habitam’” (Shön, 2000 apud MESQUITA et al. 2012, p. 61)

Nos relatos das professoras A e B, é possível identificar duas subcategorias de análise que serão apresentadas separadamente devido a complexidade da análise do conteúdo das respostas das supervisoras. No relato da prof. A, fica destacado a conduta do estagiário, uma forma da prática pedagógica relacionada à postura do estagiário, como é exemplificado a seguir:

“[...] porque as aulas são muito animadas, atrativas para as crianças são brincadeiras, os professores têm uma conduta bem bacana com as crianças de tornar isso as aulas muito recreativas, muito alegres em tom de brincadeiras então eles participam sempre com entusiasmo, com muita alegria nas aulas[...]” - Profº A.

Tal relato coloca a forma pedagógica a partir da conduta do estagiário durante o processo de estágio. Ainda na questão três, analisando a segunda categoria de análise sobre a forma da prática pedagógica, a prof. A, complementa a subcategoria de análise da conduta do estagiário, informando a importância do estagiário na sua percepção, Scalabrin e Molinari (2013. p. 3), reforçam que o “estágio é o espaço para o desenvolvimento de ações para o profissionalismo dos estudantes superiores”, porém na análise percebemos que a professora se sente confortável ao receber estagiários para lhe auxiliar através de suas condutas no processo de estágio, como pode ser exemplificado nos relatos a seguir:

“[...] me ajuda muito também né porque a gente é sempre sozinha para tudo e tendo os estagiários ali dá um conforto assim sabendo que tem alguém que pode socorrer a gente num momento mais complicado.” - Profº A.

E acrescenta:

“[...] eu sempre tenho os estagiários, porque complementam todo meu trabalho é o momento que as crianças têm pra ter essas atividades motoras bem importantes, que é muito importante para o desenvolvimento deles, então só vem acrescentar nosso trabalho.” -Profº A.

O que traz destaque a conduta dos estagiários sendo uma prática pedagógica a fim, também, de auxiliar e/ou complementar o trabalho das professoras supervisoras no processo do estágio. Continuando na questão três sobre a forma de prática pedagógica, outra subcategoria de análise identificada foi a questão do esporte que para Cavalaro et al. (2009), ao relatar sobre o curso de pedagogia, este não possui disciplinas que contemplem a educação física na sua grade curricular, deixando a desejar conhecimentos mais específicos de certos temas, alguns deles o esporte que é citado nessa pesquisa.

No relato da prof. B, foi possível evidenciar a questão do esporte no processo do estágio em sua prática pedagógica, como pode ser exemplificada no relato a seguir:

“[...] eu sempre digo que a melhor prática de educação física é quando eles trazem a questão do esporte que a criança aprende regra, aprende noção do esporte que elas idolatram como o futebol, que é sempre a preferência né, mas assim eles jogam bola, chutam canela, eles não sabem que há uma regra para bater pênalti que.. eu também não sei, por isso não vou me especificar muito, mas eles não conhecem as regras para fazer isso com qualquer um né, por exemplo judô, jiu jitsu quer sair batendo e que tem toda uma outra história na cultura né desse tipo de esporte então para mim são sempre maravilhosas aulas.” - Profº B

O relato anterior faz reflexão na questão do esporte na prática pedagógica e uma certa coerência com as afirmações - já citadas - de Cavalaro et al (2009)., sobre a pedagogia e as formas da prática pedagógica no processo de estágio de educação física principalmente na educação infantil, como disse a Prof. B.

Ainda dentro da questão três que tratava sobre os benefícios do estágio para a escola e as turmas específicas, foi identificado outra categoria de análise que faz reflexão sobre a **complementação da formação do professor supervisor para o aluno**, isto é, a busca de formações e/ou especializações complementares dos professores supervisores para o trato com os alunos da educação infantil, evidenciado nos relatos das professoras B e C.

Nessa categoria de análise fica evidente nos achados, aspectos ligados à especialização ou falta dela, sendo que há disciplinas, pelo menos uma, nos currículos de pedagogia, conforme encontrado no estudo de Cavalaro et al. (2009) quando concluem que se faz necessário a presença de profissionais da educação física quando em articulação com os pedagogos (as), pois tratam do “movimento” e

os pedagogos trabalham apenas em uma disciplina, psicologia da educação I, o “movimento” seguindo princípios da abordagem psicomotora. Tal reflexão é evidenciada na resposta da professora B, exemplificado a seguir:

“Por mais que seja uma escola de educação infantil e a gente esteja habilitada para trabalhar com criança por exemplo, eu tenho a faculdade de pedagogia, fiz psicopedagogia, fiz mais três pós na área da alfabetização e letramento que também pegam a área da educação infantil [...]” -Profª B.

O que é destaque na formação da professora supervisora no trabalho com as crianças da educação infantil, dentro dessa categoria de análise, foi destacado a desatualização como subcategoria de análise, Damasceno e Santos (2016. p. 5) afirmam que “a formação continuada de professores possibilita a atualização de conhecimentos, troca de experiências profissionais e docentes aprimorando o fazer docente, entre outros”. Nas respostas da prof. B é evidenciado tal reflexão, exemplificado a seguir:

“[...] a gente não tem,.. uma que a gente acaba ficando desatualizada em relação a novas práticas e outra que realmente a gente não tem durante o currículo da faculdade educação física, né, a gente algumas idéias de jogos de brincadeiras, mas a educação física mesmo não [...]” - Profª B

Tal relato resgata a desatualização das professoras supervisoras no processo de estágio dentro da categoria de análise sobre a formação do professor supervisor para o aluno, ainda dentro dessa análise categorial, foi identificada outra subcategoria que faz reflexão com a falta de professor especializado, evidenciado no relato da professora C, exemplificado quando diz: “*Eu tenho tudo a dizer sobre os benefícios, porque não poderia ser melhor para gente, nós não temos professores especializados[...]*” - ProfªC. O que busca reforçar a importância do estagiário, para o papel do professor especializado, no caso em educação física, dentro do processo de estágio.

Ventura e colaboradores (2011) relatam que no cenário atual, na formação docente, há uma espécie de especialização, tendo característica o domínio

específico e não mais geral de determinada área, no instituto de educação infantil, foi evidenciado a partir análise dos relatos da prof. C, que não possuem professor especializado na área da educação física, porém em seu relato foi identificado outra subcategoria que faz reflexão sobre as novas propostas que estão chegando, como pode ser exemplificado a seguir: “[...] *eu sou uma professora que já tenho 34 anos de magistério, não que eu não procure fazer o melhor, mas o pessoal que tá chegando com novidades [...]*” - Prof. C.

O relato anterior resgata a especialização no processo de estágio e a falta do professor especializado dentro da categoria de análise da formação dos professores supervisores para o aluno. Na mesma análise categorial foi identificada outra subcategoria de análise que trata sobre professores mais experientes, isto é, professores que detêm mais tempo de atuação na área específica, Bracht et al (2018. p. 56) ao analisar o desinvestimento pedagógico na educação física escola, foi evidenciado que o professor do estudo caso “José” atuava apenas para complementar sua jornada de horário na escola, tal ação desencadeia de certas forma no relato da professora quando a mesma diz:

[...] porque normalmente é o que se vê dos professores mais experientes da educação física, de anos que a gente conhece, ‘vamos fazer isso, vamos fazer aquilo’ já joga uma bola para jogar basquete e não sei o que [...] - Prof^o C.

O relato anterior, destaca, de certa forma, no famoso “rola-bola”, “largobol” tratado no estudo de Bracht et al. (2018), que na análise da subcategoria dos professores mais experientes, justifica a presença do estagiário docente de educação física por inovar nas propostas pedagógicas.

Ainda na questão três sobre os benefícios do estágio na escola e nas turmas das professoras supervisoras, foi identificada outra categoria de análise que traz atenção à **relação Universidade-Escola**, isto é, os benefícios do estágio a partir das relações da universidade e o campo prático escola, evidenciado no parecer da prof. D, que se diferenciou de todas as outras participantes por destacar tal categoria nas análises.

Para essa realidade buscamos o estudo de Benites et al. (2013) ao citarem (Correa, 2009), que ao introduzirem sua pesquisa sobre a formação do professor-colaborador, relataram que em uma universidade, no curso de pedagogia, “vem se

implementando uma proposta de acompanhamento de estágios curriculares. Desde 2009, existe a presença de um ‘técnico’ que deve ter como formação mínima o ensino superior, com licenciatura, que auxilia na ligação entre a universidade e escola” tal ação de ligação entre a universidade e escola se faz presente no relato da professora supervisora, por exemplo:

“Em relação com a universidade eu acho que é fundamental que a gente pode perceber assim, que nesse processo em relação com a universidade-escola ganha todo mundo, a escola ganha com essa troca de saber, essa atualização de propostas e a universidade também ganha em função da relação teoria com a prática que só enriquece e qualifica a formação dos professores. Eu penso ainda que cada vez mais que a universidade se aproxima da escola, ela enriquece, enriquece o trabalho docente ela qualifica essa relação e ela proporciona que realmente se tem uma formação de professores profissionais que realmente se percebam com esse papel social de construção de um mundo melhor e uma escola melhor essa relação aproxima e ela é extremamente saudável e deve se manter para se ter um trabalho mais qualificado[...]” - Prof^o D.

O relato anterior destaca a relação da universidade e a escola, que é visto no processo de estágio como benefício para ambos os lados, durante a análise se fez presente tal reflexão para o embasamento da questão três, que tratava sobre os benefícios do estágio para a escola e para a turma.

Sobre a questão quatro, que trata sobre a organização e dinâmica do estágio na inserção do estagiário, horário e orientação, foram identificadas três categorias de análise, sendo elas: Organização dos horários e da prática do estágio; Transição/orientação para o estagiário e Inserção dos estagiários.

A primeira categoria a ser analisada faz reflexão sobre a **organização dos horários e da prática do estágio**, isto é, a organização dos horários das atividades da escola, como merenda, recreio etc... para a prática do estágio nas turmas específicas. No relato das professoras A, B e C, isso acontece através da organização da rotina escolar em conjunto com os setores da escola, professores coordenadores etc...

Ao analisar tal categoria, foi identificado três temas nos, sendo *organização da rotina, bom para o aluno e déficit de supervisor para organização*. Para a realidade da organização da rotina escolar resgatamos a definição como “desenvolver o trabalho diário por meio de horários, tarefas pré estabelecidas e

atividades cotidianas organizadas da melhor forma possível” de Bilória e Metzner (2013. p. 2) que pode ser exemplificado nos relatos a seguir:

“[...] nós temos ali de manhã e a manhã passa voando e nós temos que se organizar em horários, é o horário da praça, horário do pátio e horário da merenda é o horário da educação física as terças e quintas [...]” - Profº C.

“Bom, na nossa unidade de educação infantil, sempre a gente faz uma adequação dos horários em função dos estagiários. Nunca houve grandes polêmicas nesse sentido, porque a gente altera horário de lanche a gente altera horário do pátio [...]” - Profº B.

“[...] toda a escola fica mobilizada nos dias que tem a prática claro que altera toda nossa rotina na questão de horário de lanche do pátio de atividades em sala tudo é alterado em função do estágio [...]” - Profº A.

O que traz informações sobre a importância da organização em horários para a rotina escolar presente no processo de estágio. Foi visto nos relatos, que para a Professora A, a organização dos horários são sempre para as crianças, pois entende que a prática de educação física tenha muitos benefícios. Quando Bilória e Metzner (2013) falam sobre a rotina e que a mesma é responsável pela organização das metas pré estabelecidas no dia-a-dia escolar, esta objetiva o desenvolvimento integral da criança, ou seja, voltada para a criança, tal reflexão é exemplificada no relato a seguir:

“[...] prática da educação física só vem acrescentar a nossa atividades diárias e essa mudança de horários de adaptação faz parte... temos que adequar o horário para atender, mas isso é uma demanda fácil de ser resolvida no dia a dia na nossa rotina a gente consegue conciliar os horários e fica tudo tranquilo, pensando sempre no aluno no que vai ser bom para ele, aproveitando esses momentos de educação física que é sempre bem agradável bem acolhedor eles gostam muito de participar.” - Profº A.

O que traz alusão a ideia de organização para o aluno, o que é bom para o aluno. Ainda dentro dessa categoria de análise da questão quatro, que fala sobre a

organização e dinâmica do estágio, na primeira análise categorial, a última subcategoria de análise que trata sobre o déficit de supervisor, isto é, a falta de supervisores para a organização dos horários e dinâmica no processo do estágio, evidenciado no relato da professora C. Para tal realidade buscamos a afirmação de Carlos e Lodi (2012. p. 60) sobre o papel do supervisor escolar que é “concebido como um profissional que tem a função de ‘orientar e de dar assistência’ aos educadores mediante todos os aspectos, sejam educacionais, pedagógicos, como também sociais” e que a falta do mesmo deixa a desejar tais ações de manejo na educação, importantes para o ensino. Essa subcategoria de análise é exemplificada a seguir:

“[...] têm se conseguido organizar tudo isso junto com eles junto com a diretora junto com a vice diretora porque não temos uma supervisora efetiva ali né, todo mundo dá um pitaco aqui um pitaco ali e temos conseguido bons resultados [...]” - Prof. C.

Tal relato destaca a falta do supervisor escolar, segundo a professora supervisora, para a organização dos horários e práticas do estágio de educação física no instituto de educação.

Ainda na questão quatro, que trata sobre a organização e dinâmica do estágio, foi identificada a segunda categoria de análise que traz atenção sobre a **transição/orientação para o estagiário**, isto é, quando as professoras supervisoras compartilham o espaço da docência com o estagiário mediando o processo. No relato da professora C, é possível evidenciar orientações para que o estagiário futuro não peque, para tal realidade, visto a mediação da professora supervisora, Bisconsini et al. (2016) relatam que o espaço de trocas entre professor supervisor e estagiário pode ser um fator primordial na formação inicial e continuada de ambos envolvidos no processo.

Essa lógica envolvida no processo de transmitir, orientar, mediar e trocar aprendizagens entre o professor supervisor e o estagiário no contexto escolar é evidenciado na resposta da professora C:

“[...] então para mim tá perfeito não têm muitas coisas para mexer, uma aresta aqui uma aresta ali, uma nomenclatura usada fora de contexto... nomenclatura que eu falei é uma linguagem que às vezes as pessoas chegam de fora e dizem assim ‘ó’, falam uma coisa para criança quando a gente não tá

dentro da sala de aula com crianças de 4 e 5 anos a gente vem com uma ideia, e é isso que eu quero dizer, quando eles falam uma palavra que não tá muito de acordo com aquela faixa etária a gente diz 'olha isso aqui não tá legal' e eles falam 'prof pode deixar' eles tentam e procuram e 99% conseguem.” - Profº C.

O que acaba por evidenciar a orientação na transição e dinâmica do estágio a fim de se obter uma boa prática para ambos envolvidos, principalmente aos que se encontrarão nesse contexto.

Ainda na questão quatro sobre a orientação, transição e dinâmica do estágio, a última categoria analisada se faz presente na **inserção dos estagiários**, ou seja, a inclusão do estagiário nas turmas específicas. No relato da professora D, fica claro a inserção dos estagiários por meio da mediação da supervisora, que, ficar *fora da hora aula*, é uma sugestão para os estagiários a partir das *vivências anteriores* da professora com o processo de estágio.

Entendemos que a inserção dos estagiários seja feito de forma agradável para todas as partes, uma vez que o objeto final serão crianças e estas necessitam de um professor (a) atencioso (a) e dedicado (a), pois este trabalha com o corpo e deve saber como movimentar o seu próprio em relação à criança a fim de desenvolver todas as aprendizagens possíveis, como é dito no estudo de Schwengber e González (2017) que o corpo do professor deve usar de um desempenho corporal quase teatral, com usos de artifícios como o olhar a voz os gestos, tudo a fim de conquistar crianças.

Nesse sentido de inserir o estagiário através das experiências anteriores da supervisora, enquanto prática da educação física, é destaque no relato da prof. D, por exemplo: *“Nas últimas práticas os estagiários participavam de toda a manhã né, de todo o trabalho né, desenvolvido naquele dia não somente no momento da sua atividade de docência [...]” -Prof. D.* Tal relato destaca que em outras práticas de estágio, os estagiários não ficavam somente no horário aula em questão, mas sim a manhã toda.

Com a análise da categoria inserção dos estagiários, refletiu-se uma certa orientação da supervisora para realizar uma proposta integral do estágio de ter ganhos com as crianças de modo integral no seu desenvolvimento, tal reflexão faz sentido com os achado de Basei (2008) de que através de atividades de movimentos e discussões os alunos possam criar estruturas para o debate, para a

crítica, para que a educação contribua no desenvolvimento de uma identidade emancipada. No relato da supervisora D é possível exemplificar a orientação a partir da sua percepção com os processos de estágio, por exemplo:

“[...] eles conseguem ter uma aproximação com a turma, estabelecer vínculos com a turma fora desse momento de prática, daí quando eles foram fazer suas atividades as crianças estão muito mais entrosadas com eles e eles conseguem ter resultados mais produtivos e efetivos no momento das atividades que estão desenvolvendo e isso eu consegui perceber muito mais nos últimos estagiários [...]” - D

E acrescenta:

“[...] esse formato de o aluno ficar a manhã toda a tarde toda na turma participando de outras atividades é bem significativa é bem importante estreita laços, aprofunda relações constrói uma prática mais interativa mais significativa tanto para os professores que estão estagiando quanto para nossos alunos [...]” - D

Os relatos anteriores acabam por destacar a inserção do estagiário no processo de orientação e transição do estagiário no estágio, através da sugestão para os futuros estagiários de ficar o tempo fora de suas aulas com as turmas específicas da educação infantil.

Sobre a questão cinco, que trata sobre o entendimento, por parte da professora supervisora, para melhorar/qualificar na proposta de estágio, foi identificado três categorias de análise, sendo elas: Organização na escola; Solicitação de materiais para a prática; Lidar com a criança.

A primeira categoria a ser analisada faz reflexão na **organização na escola**, isto é, a organização pura da prática do estágio, ou seja, as condutas que o estagiário deve exercer precisamente no processo. No relato da professora supervisora A, fica claro o significado da organização no modo da prática, ou seja, ao utilizar espaço ou materiais manter organizado e a questão de cumprir os horários estabelecidos.

Na lei nº11.788/2008 sobre o estágio, no § 2º do Art.1, diz: “O estágio visa ao aprendizado de *competências próprias da atividade profissional* e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” Brasil (2008), podemos considerar que as competências próprias da atividade profissional, contempla a organização e cumprimento dos horários, citados nos relatos. Essa noção de organização e cumprimento de horários no processo de estágio pode ser exemplificado no relato da professora A, como por exemplo:

“[...] mais essas questões assim de organização da escola que por vezes acontece de não deixar a sala igual ao que encontraram, não deixar as coisas fora do lugar procurar manter as salas organizadas, mais nesse sentido assim [...]” - A

E acrescenta:

“[...] o horário, cumprir os horários, o horário é 8:30 tem que estar às 8:30 pegando a turma, devolver no horário combinado [...]” - Prof. A.

De certa forma, caracteriza a organização de materiais e espaços e cumprimento dos horários da escola presente no dia-a-dia na proposta do estágio docente de educação física na educação infantil.

Outra categoria de análise obtida na questão cinco, sobre as melhorias e qualificações do estágio, se faz presente na reflexão da **solicitação de materiais para a prática**, ou seja, um pedido de materiais peças, bolas entre outros objetos para a prática corporal das crianças. No relato da professora B é evidenciado essa solicitação sugerindo que cada estagiário deixasse um material após a prática docente. Para essa realidade buscamos a citação de Lira e Rubio (2014. p. 14) que afirmam “[...] as crianças aprendem através da relação com outras pessoas, além do contato com os objetos e com o meio ambiente, explorando e vivenciando, esses materiais.”, bem, sem os materiais fica mais complexo de atingir ápices de desenvolvimento das crianças.

Nessa lógica dá importância dos materiais para a prática corporal, na solicitação como sugestão da professora B, é exemplificada no relato a seguir:

“[...] a gente é carente de muito material para educação física, mas muito mesmo. Então eu acho que junto com a supervisão junto com os estagiários eu

acho que por exemplo cada estagiário pode deixar uma sugestão de material para ser adquirido né [...]” - Prof. B

Tal relato traz evidência da solicitação de materiais para as práticas corporais como melhoria/qualificação na proposta de estágio em educação física a ser “exigido” de cada estagiário uma sugestão de material ou o próprio.

Ainda na questão cinco que trata sobre as melhorias/qualificações na proposta de estágio, foi identificada outra categoria de análise que traz atenção no **lidar com a criança**, isto é, o trato direto com as crianças da educação infantil e suas relações. No relato da professora C, foi evidenciado que para esta o lidar com a criança vem no comportamento do estagiário com a criança e sua conduta frente a isso.

Nessa lógica de sugestão no comportamento dos estagiários perante as crianças no processo de estágio, pode ser exemplificado no relato da professora C, como por exemplo:

[...] qualificação eu não saberia dizer... mas quem sabe então corrigir de vez em quando associar eles mais a falarem mais próximos das crianças, porque isso não é um pecado isso não um erro didático isso é uma coisa que passa assim que é do dia a dia da gente... de repente tu é lançado ali, existem pessoas que têm que passar por essa cadeira e passar por essa disciplina de fazer o estágio na educação infantil e muitas pessoas não estão ali voltadas para quando terminar o curso se voltarem a fazer trabalho na escola... mas quem sabe em algum momento se é alguma coisa que se queira qualificar ou melhorar que se diga ‘bom agora vocês vão trabalhar com crianças pequenas e que vocês têm que usar um vocabulário muito apropriado’, porque muitas vezes a gente peca por querer fazer tudo bem certinho e.. não quero botar isso como uma crítica destrutiva, para mim tá sendo tudo muito bom e alguma coisa que eu vejo nesse aspecto eu corrijo na hora e tal mas de repente eles já chegaram e não precisaram ouvir a prof dizer porque eles já sabem o que que é, tá.” - Profº C

Os relatos anteriores acabam por destacar a sugestão de melhoria/qualificação no lidar com a criança enquanto comunicação, durante o processo de estágio e até mesmo antes de tal disciplina a fim de se preparar no trato infantil.

Sobre a questão seis que trata sobre assuntos complementares e opcionais, apenas uma professora quis comentar, porém tal comentário não foi destaque para ser considerada uma análise categorial, por não possuir embasamento na proposta do estágio de educação física.

No relato da professora D, a mesma solicita a proposta de estágio docente nas demais áreas da educação, mais especificamente, no ensino fundamental - anos iniciais, onde pode ser visto a seguir:

“[...] proposta de práticas para os anos iniciais do 1º ao 5º, mas se existe nossa escola tem, acredito eu, que tenha esse espaço de troca também e bem importante a ser trabalhado e ser de certa forma expandida.” -Prof. D

Por se tratar de um comentário não houve análise categorial, pois não se destacou nada dessa resposta, mas fica evidente a importância que as professoras supervisoras dão a parceria da UFRGS em sua escola de educação infantil.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível entender que o estágio docente possui importância na formação inicial por vivenciar e dar autonomia à estagiários, evidenciado nos relatos de experiências ou pesquisas de estudiosos (JOAQUIM et al. 2013 , SILVA, 2018, CAVALHEIRO, 2013). Nesse campo de prática se encontra o professor supervisor, com importante papel de guiar, mediar, transmitir conhecimentos para a prática do estágio supervisionado.

Sendo assim, com as entrevistas com os professores supervisores, buscamos evidenciar suas perspectivas sobre a coesão da proposta pedagógicas, sobre a integração dos estagiários, os benefícios do processo de estágio, organização e dinâmica do estágio e sobre sugestões para melhorar a proposta de estágio.

Sobre o tema da coesão da proposta pedagógica entre professores supervisores e o estagiário, sob a perspectiva dos supervisores, ficou evidente que existe uma comunicação entre as partes, escola, professores supervisores e os estagiários a fim de construir uma proposta bem estruturada para os alunos, conforme encontrado nas análises. A integração dos estagiários no processo de estágio é vista com muita receptividade de ambas as partes (escola, alunos e os próprios estagiários) como foi apontado nas análises.

No tema que tratou sobre os benefícios, sob a perspectiva dos supervisores, foi caracterizado os conteúdos trabalhados, entre eles, a parte motora, a afetividade e suas relações e os benefícios para a escola e a universidade em si conforme evidenciado nos achados. Sobre a organização e dinâmica do estágio, sob a perspectiva dos professores supervisores, ficou evidente a alteração da rotina, em questão de horários, e a transição do professor para o estagiário quando o supervisor lhe orienta, conforme relatado nas análises.

Sobre as sugestões e melhorias na proposta de estágio, as professoras supervisoras, buscaram informar sobre o cumprimento da organização, sendo dos horários e dos materiais como também a postura para dar aula e solicitação de materiais conforme evidenciado nos relatos.

Sendo assim, as entrevistas indicam que de forma concreta a percepção das professoras supervisoras se manifesta nos aspectos da importância do estágio docente de educação física no instituto e seus benefícios para a escola e para as

crianças. Também é manifestado nos saberes da organização do processo de estágio, no quesito materiais e cumprimento dos horários.

É possível concluir que sobre a rotina escolar na organização do estágio, há uma complementação de todos para separar os horários das práticas de educação física e que tal processo se organiza de forma que eles não aprovam muito, devido a falta da supervisora da escola, responsável por essa organização. Contudo, nas análises, ficou evidente que os próprios professores se manifestavam para organizar os horários e a prática se dava de modo espontâneo e valoroso para todos, principalmente as crianças.

Ainda sobre a organização no processo do estágio docente, as professoras supervisoras informaram que a organização das salas após uso, deve ser realizada por todos os estagiários para que se haja uma boa prática para todos que forem utilizar os espaços demandados.

Também é possível concluir, que nos benefícios do estágio docente para as professoras e para a escola, a afetividade foi bem destacada, e essa é importante no contexto da educação infantil pois todos os lados ganham com a troca de afeto a fim de aprimorar relações com o próximo, o ambiente buscando criar a criticidade nas práticas corporais e entendimentos específicos.

Acreditamos que nas respostas das professoras supervisoras, mais especificamente, quando trata sobre os benefícios, a troca de saberes entre a escola e a universidade é muito importante devido ao espaço da teoria refletida na prática e a vivência real da docência. Na universidade, de certa forma, ainda, a teoria se embasa muito mais no desenvolvimento motor, aprendizagem motora das crianças e algumas propostas pedagógicas a fim de preparar o graduando na situação do estágio. Porém, na prática é muito diferente, pois as disciplinas que trabalham com aspectos como de “como avaliar o aluno”, como montar planos de estudos a longo prazo, não conseguem de forma efetiva apresentar o realismo do que é estar fazendo estas tarefas na realidade concreta da escola.

Na universidade a teoria se manifesta por conceitos básicos que fazem alusão ao mundo real, mas não traduzem esta realidade de forma significativa. Os acadêmicos elaboram planos de aula, mas quando vamos ao campo da prática,

“gatinhos viram leões”, e muitas vezes este plano está descolado do mundo real, o que mostra a importância da relação universidade-escola.

Sobre a afetividade evidenciada nas respostas das professoras supervisoras, acredito que é deveras importante para os dois lados, professor e aluno, principalmente a criança da educação infantil, que através da afetividade se cria laços para novas aprendizagens e um entendimento mais crítico e autônomo nas práticas corporais, seja nas brincadeiras e atividades alternativas como conto de histórias etc. E quando o estagiário docente entra em contato com a afetividade das crianças, nota que elas estão abertas para aprender, apenas deve ser mútuo a afetividade e principalmente o respeito com o ser criança.

O estudo que aqui se apresentou revelou fatos importantes, contudo não dá conta da imensidão do que são os estágios curriculares na formação de um professor. Conseguimos interpretar a percepção dos professores supervisores na educação infantil, contudo, sugere-se que este mesmo estudo também seja desenvolvido com os supervisores de outros níveis de ensino. Também, seria interessante um estudo que fizesse relação desta percepção e do olhar dos estudantes estagiários, não no sentido de comparação, mas sim na busca de uma complementação para entendimentos e interpretações sobre a proposta dos estágios docentes.

Na busca da teoria de conclusão de curso, caracterizada pelo fim da graduação, nada melhor do que realizar um estudo sobre o processo inicial, ou seja, na educação infantil, essa que para muitos é um mistério, outros um paraíso e para nós uma lembrança de quem já fomos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Edson S.; SHIGUNOV, Viktor. Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em educação física. CDS/UFSC, 2016.

BARBOSA-RINALDI, Ieda P. Formação inicial em Educação Física: uma nova epistemologia da prática docente. Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 185-207, setembro/dezembro de 2008.

BARROS, Daniela M.V., BIANCHI, Ana Marcia Z., NUNES, Juliana S., CAVELLUCCI, Lia, VALADAS, Sandra Cristina A. T. S. Estilos de aprendizagens e educação a distância: algumas perguntas e respostas?!. Rev. Estilos de aprendizagens, nº5, Vol 3, p. 135-145. 2010.

BASEI, Andréia P., A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. Rev. Iberoamericana de Educación, n. 47/3. 2008.

BENITES LC, SOUZA NETO S, BORGES C, CYRINO M. Qual o papel do professor colaborador no contexto do estágio curricular supervisionado na educação física? R. bras. Ci. e Mov.;20(4): p.13-25.2012.

BENITES, Larissa C., CYRINO, Marina. NETO, Samuel de S. Estágio curricular supervisionado: A formação do professor colaborador. Olh@res, Guarulhos, v. 1, n1, p.116-140. 2013.

BENITES, Larissa C., NASCIMENTO Juarez V. do, MILISTETD, Michel, FARIAS, Gelcemar O., Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: Estudo sobre estágio curricular supervisionado. Movimento [en linea] 2016, 22 (Enero-Marzo) : [data de consulta: 9 de junho de 2019] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115344155003>> ISSN 0104-754X

BETTI, Mauro, ZULIANI, Luiz R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 1, Número 1, p. 73-81. 2002.

BILÓRIA, Jéssica F. METZNER, Andréia C. A importância da rotina na Educação Infantil. Revista Fafibe On-Line — ano VI – n.6 . p. 1-7 . nov. 2013.

BISCONSINI, Camila R. FLORES, Patric P. OLIVEIRA, Amauri A. B. de. Formação inicial para a docência: o estágio curricular supervisionado na visão de seus coordenadores. J. Phys. Educ, v. 27, e 2702, p. 1-13. 2016.

BRACHT, Valter; MACHADO, Thiago da Silva; FARIA, Bruno de Almeida; ALMEIDA, Felipe Quintão de; GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, U. R. Desinvestimento pedagógico na educação física escolar: o caso do professor José. In: Valter Bracht; Ueberson Ribeiro Almeida; Ileana Wenez. (Org.). A

educação física escolar na América do Sul: entre a inovação e o abandono/desinvestimento pedagógico. Curitiba: CRV, 2018, p. 51-66.

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular. MEC. 2017.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação CNE/CEB. fixa a resolução nº5/2009. 2009.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. Presidência da República. 1990.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96. Presidência da República. 1996.

BRASIL, LEI Nº 11.788, estágio de estudantes Presidência da República, Casa civil 2008.

BRASIL, Parecer CNE/CEB 22/1998 - homologado DCNEI. Ministério da Educação CNE/CEB. 1998.

CARLOS, Jociane A. LODI, Ivana G. A prática pedagógica em supervisão escolar: a importância da inter-relação entre o supervisor pedagógico e o corpo docente. Evidência, Araxá, v. 8, n. 8, p. 55-66, 2012.

CAVALARO, Adriana G., MULLER, Verônica R. Educação física na educação infantil: uma realidade almejada. Educar, Ed. UFPR. n.34 pg. 241-250. 2009.

CAVALHEIRO, Eliberto L., CAUDURO, Maria T. Estágios de educação física na educação infantil e anos iniciais: um olhar a partir da Licenciatura. Rev. digital, efdeportes.com, ano 18, n. 180. 2013.

DAMASCENO, Ana M. Pereira, SANTOS, Maria R.C dos. A importância da formação inicial e continuada dos professores na educação infantil. Artigo apresentado durante o curso de Pós-graduação em Mestrado em Educação pela FNP, PR, Brasil, 6 pág. 2016. disponível em: www.editorarealize.com.br

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Educar, Curitiba, Editora UFPR. n. 24, p. 213-225, 2004.

DURÃO, Rita L. S., Acolhimento aos alunos estagiários na formação inicial. Uma proposta de acolhimento e integração. Tese de mestrado na Especialidade de Supervisão Pedagógica. Escola Superior de Educação João de Deus. julho 2010.

GALLAHUE, David L. OZMUN, John C. GOODWAY, Jackie D. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. AMGH. 7º ed. Porto Alegre. 2013.

GAYA, Adroaldo. Projetos de pesquisa científica e pedagógica: o desafio da iniciação científica. Adroaldo Gaya e colaboradores. – Belo Horizonte: Casa da Educação Física, pág. 137-141 e 161-162. 2016.

JOAQUIM, Nathália de F., BOAS, Ana Alice V., CARRIERI, Alexandre de P. Estágio docente: formação profissional, preparação para o ensino ou docência em caráter precário? Educ. Pesq. vol. 39, n.2, São paulo, 2013.

JÚNIOR, Marcílio B. M. de Souza. MELO, Marcelo S. Tavares de. SANTIAGO, Maria E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 31-49, 2010.

JÚNIOR, Marcílio S., BARBOZA, Roberta de G., LORENZINI, Ana R., GUIMARÃES Gina, SAYONE, Hilda, FERREIRA, Rita C., PEREIRA, Eliene L., FRANÇA, Daise, TAVARES, Marcelo, LINDOSO, Rosângela C., SOUSA, Fábio C. de. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411. 2011

KLEIN, Lígia R. Fundamentos para uma proposta pedagógica. site: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/fundamentos_proposta_pedagogica.pdf. Acesso em: 04/12/2018 às 10h:20min.

LIRA, Natali A. B., RUBIO, Juliana de A. S. A Importância do Brincar na Educação Infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1. p. 1-22. 2014.

LOPES, Natália. Supervisão pedagógica: função do professor cooperante na escola durante o estágio. Revista Practicum, 4(1), 55-69. 2019.

MATIAS, Neyfsom C. F. Escolas de tempo integral e atividades extracurriculares: universos à espera da Psicologia brasileira. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 120-139. 2009.

MAZIERO, Andreza da R. CARVALHO, Dalmo G. de. A contribuição do supervisor de estágio na formação dos estagiários. Acta Scientiae. Canoas, v. 14 n.1 p.63-75. 2012.

MELLO, André da S., ZANDOMINEGUE, Bethânia A.C., BARBOSA, Raquel F.M., MARTINS, Rodrigo L. Del R., SANTOS, Wagner. A educação infantil na base nacional comum curricular: pressupostos e interfaces com a educação física. Motrivivência, v.28, n.48, p. 130-149. 2016.

MELLO, Tágides RUBIO, Juliana de A. S. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1. p. 1-11. 2013.

MESQUITA, Elza. FORMOSINHO, João. MACHADO, Joaquim. Supervisão da prática pedagógica e colegialidade docente. A perspectiva dos candidatos a professores. Revista Portuguesa de Investigação Educacional. vol.12 p.59-77. 2012.

MICHAELIS, moderno dicionário da língua portuguesa, apenas em versão digital. site: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>, acesso em: 24/05/2019 às 00:10

Oliveira, Vitor Marinho de. O que é educação física. 1 ed. São Paulo : Brasiliense, 1983.

ROSSI, Francieli S., Considerações sobre a psicomotricidade na educação infantil. Rev. Vozes dos vales da UFVJM, n.1, ano 1, 2012.

SAHEB, Daniele. ROHDEN Maribel M., A formação do pedagogo e sua atuação no contexto escolar. X congresso nacional de educação - Educere. PUCPR. 2011.

SANTOS, Claudinéia R. Maciel, A evolução da educação infantil. Web Artigos. Dezembro de 2013.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. UNAR, v. 17, n. 1, 2013.

SCHWENGBER, Maria S. V., GONZALÉZ, Fernando J. Por uma educação infantil que não silencie corpos de alunos e professores. Rev. Pátio. Pág. 04. Jan/Mar 2017.

SILVA, Claudia S. C. da, TEIXEIRA, Marco A. P. Experiências de estágio: Contribuições para transição Universidade-Trabalho. Paidéia, Vol.23 N.54. P.103-112. 2013.

SILVA, Grace K. da, CINTRA, Thalita T. da A., PINHEIRO, Maria do C. M. Bebês em movimento: Estágio da educação física na educação infantil. Cad. de Form. RBCE, p. 46-56,. 2012.

SILVA, Haíla I., GASPAR, Mônica. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. Rev. Bras. Estud. Pedagog. vol.99, n. 251, p. 205-221. 2018.

STAINLE, Marlizete C. Bonafi, SOUZA, Nadia A. de, Avaliação formativa e o processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. E.A.E. v. 18, n. 36, pg. 63-74. 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL -UFRGS. Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física - Licenciatura. Porto Alegre. 2012.

VALSECHI, Marília C., KLEIMAN, Angela B. O estágio supervisionado e a voz social do estagiário. Raído, Dourados, MS, v.8 , n.15. p.13-32. 2014

VENTURA, Maria C. Amado A. NEVES, Marília M. A.. Marques da C. e, LOUREIRO, Cândida R. E. Costa L., FERREIRA, Maria M. F.-, CARDOSO, Edimar M. P. O “bom professor” – opinião dos estudantes. Rev. Enf. Ref. vol.serIII no.5 Coimbra dez. 2011.

ANEXOS

ANEXO 1: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Nome do (a) entrevistado (a):

Roteiro para coleta.

1. Sobre as propostas pedagógicas. O estagiário está em coesão à proposta da sua turma?
2. Sobre a integração dos estagiários, como se dá a relação com a escola (Coordenação, direção, secretaria e demais funcionários)? Em relação a você, Professora/supervisora da turma? Em relação aos demais professores da escola?
3. O que você tem a dizer sobre os benefícios de ter estágio em Educação física para a escola na educação infantil? E para sua turma?
4. Sobre a organização e dinâmica do estágio: Como se dá a Inserção dos estagiários? E os horários? E a dinâmica da transição/orientação entre o estagiário e o professor?
5. O que você entende que possa melhorar/qualificar na proposta de estágio?
6. Se tiver e quiser relatar outros assuntos.

ANEXO 2:TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a), como voluntário (a), a participar do estudo intitulado “Os Estágios de Educação física na Educação Infantil: O Olhar do Professor Supervisor”, que tem por objetivo geral: Analisar a percepção dos professores supervisores da educação infantil sobre os estágios de docência da educação física. Ainda assim o estudo objetiva compreender os conceitos que norteiam os estágios de docência, as concepções sobre a educação física na infância, a função do professor supervisor na estrutura dos estágios de docência; Identificar na perspectiva do professor supervisor os benefícios dos estágios de docência de educação física na educação infantil para a escola (campo de prática) e para as turmas envolvidas; Analisar, a partir da percepção do professor supervisor a organização e dinâmica da proposta de estágio de docência na educação física na

educação infantil nas escolas envolvidas na pesquisa; Evidenciar indicativos de ações que qualifiquem as propostas de estágios de docência na educação física na educação infantil, pautados nas experiências já vividas pelos professores supervisores das escolas investigadas; Sistematizar e contextualizar a partir da organização formal da propostas de estágios de educação física na educação infantil as considerações sobre os estágios apresentadas pelos professores supervisores envolvidos.

Ao concordar em participar deste estudo, será realizada uma *entrevista*, organizada por um roteiro pré definido pelo pesquisador, com o tempo de duração de aproximadamente 20 minutos. Sua participação é importante para que possamos refletir sobre as propostas de estágio de docência na educação infantil com base nas experiências já vividas pelos professores supervisores, aqueles que representam o campo de prática.

Cabe salientar que não haverá riscos de exposição a partir de suas respostas tendo em vista que as informações não serão liberadas sem sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. A identidade dos participantes não será revelada, a menos que seja esse o desejo do entrevistado, e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos.

Você é livre para retirar-se da pesquisa a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade, perdas ou danos. Todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo pesquisador através do seu telefone/e-mail: (51) 99399-7206 / geremiasaires_@hotmail.com, ou de sua orientadora, telefone/e-mail: (48) 99607-3864 / veruskapires03@gmail.com. Através do contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629, você poderá recorrer se, em algum momento da pesquisa, você se sentir prejudicado (a) ou negligenciado (a) em seus direitos.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____, portador (a) do CPF número _____ fui esclarecido (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de pesquisa realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. O pesquisador certificou-me também de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, exceto se liberados por mim com permissão por escrito. Fui informado (a) que caso existirem danos à minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito à indenização, conforme estabelece a lei.

Sei que sou eximido (a) de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso apresentar novas perguntas sobre esse, o pesquisador Geremias M Aires Pereira, ficará à disposição no telefone (51) 993997206, bem como sua orientadora e pesquisadora responsável, Prof. Veruska Pires, pelo telefone (48) 99607-3864, atendendo a qualquer solicitação sobre meus direitos como participante deste estudo. Também poderei obter esclarecimentos através de contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS pelo telefone (51) 3308-3629.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

_____ / ____ / _____

Local e Data

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Geremias Macedonio Aires Pereira

Assinatura do Pesquisador